

A Longa Duração e a Estratificação do Tempo Vista a Partir da Paisagem de Diamantina, Minas Gerais – Brasil.

The Long Duration and the Stratification of Time Seen from the Landscape of Diamantina, Minas Gerais – Brazil.

Enviado em: 26/08/2019

Aceito em: 04/06/2021

Átila Perillo Filho¹

RESUMO

Diamantina é uma cidade histórica localizada na Serra do Espinhaço Meridional, no Vale do Jequitinhonha, centro-norte de Minas Gerais. Ali estão dispostos sinais de uma Multitemporalidade ímpar, onde sítios arqueológicos com pinturas rupestres e materiais líticos dividem a mesma paisagem com uma cidade e seus distritos que possuem casas em arquitetura colonial portuguesa. É a partir destas características que tenho a intenção de propor duas linhas de pensamento. A primeira que busca analisar e ver a paisagem e o patrimônio a partir de uma Longa Duração que guarda em si um tempo Estratificado e a segunda, também ligada a paisagem e ao patrimônio, essa no entanto pautada a partir da ótica de dois personagens, o *Flâneur* e o *Colecionador*. Seres que corporificam distintas qualidades, mas que apesar de tudo, julgo estarem em direta relação com saber, o patrimônio e tudo aquilo por ele transmitido.

Palavras-chave: Estratos do Tempo; Paisagem; Longa Duração.

ABSTRACT

Diamantina is a historic city located in the Serra do Espinhaço Meridional, in the Jequitinhonha Valley, north center of Minas Gerais. There are displayed signs of a unique Multitemporality, where archaeological sites with cave paintings and lithic materials share the same landscape with a city and its districts that have houses in Portuguese colonial architecture. It is from these characteristics that I intend to propose two lines of thought. The first one, seeks to analyze and see the landscape and heritage from a Long Duration that retains a Stratified Time, and the second, also linked to landscape and heritage, this, however, guided from the perspective of two characters, the Flâneur and the Collector. Beings that embody different qualities, but that despite everything, I believe They are in direct relationship with knowledge, heritage and everything transmitted by it.

Keywords: Extracts of Time; Landscape. Long Duration.

¹ Bacharel em Ciências Humanas pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM – MG); Mestre em Antropologia com Área de Concentração em Arqueologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL – RS), e; Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC – SC). E-mail: atilaperillo@gmail.com

Tempo(s) e patrimônio: o viver, o recordar e o se relacionar arqueologia entre paisagens do antigo arraial Tejuco

*Morte vela sentinela sou do corpo desse meu irmão que já se vai. Revejo nessa hora tudo que ocorreu, **memória não morrerá** (Sentinela, 1980 – Fernando Brandt e Milton Nascimento).*

Andar pelas ruas do antigo Arraial do Tejuco(Diamantina), Minas Gerais e suas imediações é vivenciar um pouco daquilo que Koselleck(2000) chamou de estratificação do tempo. O termo estratos do tempo fora utilizado a partir de estudos das ciências da terra e naturais, tais como a geologia, com isso Koselleck (2000) utiliza a analogia para defender a uma percepção do tempo organizado em várias camadas que não se opõe, coexistindo e suportando-se. Essa correlação oferece a possibilidade de refletir as várias temporalidades da vivência humana (KOSELLECK, 2000; BIFFI, 2017).

Diamantina é uma cidade tricentenária, localizada no Alto Vale do Jequitinhonha, que traz em suas ruas, casarões, fontes, mercados e calçadas pedaços da história colonial do Brasil e de Minas Gerais. Em sua paisagem, as serras com seus minerais e gemas preciosas são irrigadas por diversos rios e arroios. Nesta mesma paisagem estão pintados traços em vermelho, preto e amarelo e artefatos feitos em pedra (os materiais líticos) de grupos que há mais de 10.000 anos lá caminharam(ISNARDIS, 2009; SOUZA, 2012; CORRÊA, 2006).

O Arraial nasceu entre as escarpas dos vales da Serra do Espinhaço, onde o quartzito dos afloramentos e o quartzo dos filões mostram a relação de populações humanas que algum dia atravessaram suas planícies e capões, banharam-se nos rios e encontraram locais para se assentarem, representarem e relacionarem. Estas relações simbólicas se refletem no panorama apresentado pela Paisagem de maneiras diferenciadas, mas sempre ligadas à humanidade de uma maneira histórica, social, cultural, econômica, física e transcendental, sendo constantemente dotadas de um significado cognitivo, que extrapola o estar na Paisagem e constrói o ser presente, incorporando as pessoas à Paisagem (FAGUNDES, et al., 2012 e 2021).

Esse processo se reflete na composição dos variados sítios arqueológicos locais, os quais não se restringem a uma concentração de cultura material, mas sim um conjunto multitemporal de memórias que materializam comportamentos particularmente humanos na Paisagem, o que pode ser caracterizado por uma *Longa Duração*² (BRAUDEL, 1965 [1958], p. 264), uma coerência contínua que atravessa gerações, possuindo correlação entre os modos de viver do passado e a realidade modernizada do século XXI.

Essa Longa Duração pode ser visível através das pesquisas arqueológicas realizadas na região, mas também se mostra a partir da relação que os moradores locais construíram com o bem patrimonial. As imagens abaixo ilustram dois painéis rupestres que foram utilizados tanto por grupos pretéritos, quanto por grupos contemporâneos, mostrando uma maneira direta de se expressar com o local que ocupam.



Figura 1: Representações de Casas Recobridas por Pinturas Rupestres no Parque Estadual do Biri-Biri em Diamantina, Minas Gerais. Fonte: Baeta e Piló, 2013.



Figura 2: Altar para Nossa Senhora abaixo de figurações rupestres no Parque Estadual do Rio Preto, em São Gonçalo do Rio Preto, Minas Gerais. Fonte: Baeta e Piló, 2013.

Veja bem, não tenho por intenção ser transigente com ações que depredem a riqueza arqueológica presente nos vales da região de Diamantina, busco, no entanto, apresentar esse tipo de interação como uma materialização do tempo estratificado, que remete a diferentes momentos históricos. Assim o que vejo é um painel rochoso que apresenta figurações rupestres, mas que

² Trabalhando a arqueologia como sendo uma história de longa duração indígena e não dividida entre um passado pré-histórico e um passado histórico, podemos então pensar na definição de tempo de uma História de Longa Duração Fernand Braudel ([1958]:1965, p.264) caracteriza como 'uma história de fôlego ainda mais lento, desta vez de amplitude secular: a história de longa, de muito longa duração.'

também conta com as impressões e relações das pessoas com a paisagem e com seu sagrado.

Em um dos paredões vemos pinturas rupestres acompanhadas pelo desenho das fachadas de casas típicas da região. Essa silhueta, no entanto, é reflexo de uma arquitetura colonial, localizada em um tempo menos antigo que o da elaboração da pintura rupestre. Conseqüentemente, a pessoa que optou por desenhar estas casas, com este tipo específico de arquitetura, data de tempos depois da construção ou implantação desse tipo de edificação no local. No entanto não é possível afirmar assertivamente em qual momento da história que o painel rupestre passa a guardar este segundo tipo de desenho.

No segundo painel também temos pinturas rupestres, no entanto estas estão associadas a manifestação do sagrado local, onde alguém construiu um altar para Nossa Senhora. De maneira intencional, ou não, o altar divide a mesma serra das pinturas rupestres no Parque Estadual do Rio Preto.

Essa paisagem, portanto, reflete a permanência de diferentes temporalidades na memória local, fazendo com que a silhueta das construções coloniais coabite o espaço das representações rupestres encontradas nas curvas da Serra do Espinhaço, materializando um encontro multitemporal cujos significados permanecem vivos no cotidiano da comunidade local.

A (re)significação e (re)ocupação de uma Paisagem em Tempos históricos diferentes remete a noção de *lugares persistentes*³(FAGUNDES, 2013), ou seja, são locais utilizados durante uma longa duração de tempo, esses locais representam o comportamento humano em uma paisagem particular. Andar pelas ruas de Diamantina e de seus distritos é andar tanto no passado quanto no presente, caminhar entre seus abrigos rochosos é identificar locais que foram sistematicamente ocupados durante milhares de anos e atualmente continuam a ser ocupados por garimpeiros ou coletores de sempre-viva, ver imagens abaixo.

³ Para Fagundes (2013: 73) as áreas tratadas como grandes potenciais arqueológicos nesta região de Serra Negra, e no Alto Jequitinhonha em si competem em “afloramentos rochosos/ minerais; rios e terraços; trilhas utilizadas pela comunidade; entre outros *lugares persistentes*”, deste modo os Lugares Persistentes são “places that were repeatedly used during long-term occupation of regions. They are neither strictly sites (that is, concentrations of cultural materials) nor simply features of a landscape. Instead, they represent the conjunction of particular human behavior on a particular landscape” (SCHALENGER, 1992 apud FAGUNDES, 2009).



Figura 3: Coletores de Sempre-Viva em acampamento na Lapa Santa Apolônia, no Parque Estadual do Biri-Biri, Diamantina-MG. Fonte: Baeta & Piló, 2013.



Figura 4: Camas de Taquara no sítio arqueológico Lapa dos Desenhos no Parque Estadual do Biri-Biri, Diamantina - MG. Fonte: Baeta & Piló, 2013.

O patrimônio cultural, em especial o arqueológico da região de Diamantina, encontra nas interações das populações que hoje ocupam a região uma constante de relações e ressignificações. São paisagens conhecidas pelas comunidades que constituem lugares de memória importantes, tanto coletiva quanto individual. A partir disso desde o ano de 2009, o Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP) tem estudado os sítios arqueológicos e a Paisagem do Alto Vale do Jequitinhonha, buscando identificar os *lugares persistentes* e melhor compreender os processos de ocupação da Paisagem local.

Nesse sentido, este artigo pretende apresentar um breve histórico das pesquisas arqueológicas na região de Diamantina, dando foco àquelas realizadas pela equipe do LAEP, enquanto instituição de formação e divulgação do conhecimento, bem como compreender as relações culturais existentes em um lugar onde nos locomovemos e vivenciamos as paisagens arqueológicas cotidianamente.

Por essas características, defendo a possibilidade de analisarmos a paisagem a partir da perspectiva de se entender o tempo proposta por Koseleck (2000) e a noção da *Longa Duração* proposta por Braudel (1965). São tantos detalhes que remetem a diferentes momentos da história humana regional, que parecem mostrar essa estratificação na paisagem, mostrando ainda que através daquelas serras as pessoas caminham há milhares de anos.

Para finalizar este artigo pretendo ainda propor um exercício no qual coloco a disposição do leitor dois personagens existentes na obra de Walter Benjamin (1987, 1989 e 2009). O *Flâneur*, um ser em essência que anda pela cidade e que em suas ruas faz seu lar, apreciando cada detalhe de sua organização. E o Colecionador, alguém que tem por interesse guardar para si todas as histórias daquilo que vê, um indivíduo que não é saciado apenas em ver a gênese de criação, mas quer cada detalhe daquilo que se faz presente frente aos seus olhos.

Essas figuras, que apesar de apresentarem diferenças essenciais, são compreensivelmente evocadas pelo cenário histórico e multitemporal da região aqui tratada. A história presente em cada prédio, afloramento rochoso e estrada, muito chamaria a atenção do Colecionador, em contrapartida o ar colonial da região estaria em consonância com o *Flâneur*, que antes de mais nada é um observador, alguém que vaga pelas ruas e que encontra prazer no ato de assistir as pessoas e das coisas que passam pela cidade (BENJAMIN, 1987, 1989 e 2009; MASSAGLI, 2008).

Diamantina, a arqueologia e a história

Não há terra nula, não há espaço em branco no mapa mental, nem há terra nem povo desconhecidos, muito menos incognoscíveis (BAUMAN, 2007, p. 11).

Os trabalhos de arqueologia realizados no Alto Jequitinhonha intensificaram-se a partir da criação do Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha, PAAJ, sob coordenação do Professor Dr. Marcelo Fagundes. O Vale é uma região de difícil acesso, localizada na face leste da Serra do Espinhaço, que possui um relevo de alto declive, formado por feições quartzíticas que durante o início das pesquisas ofereceram grandes dificuldades associadas ao pouco conhecimento prévio da arqueologia regional, e, portanto, geraram problemas para acessar os sítios arqueológicos (FAGUNDES et al., 2014; LINKE & ISNARDIS, 2012).

Dentre as pesquisas devemos destacar as escavações sistemáticas que foram desenvolvidas pela equipe do LAEP. A seleção dos sítios a serem

escavados, de acordo com Marcelo Fagundes (FAGUNDES et al., 2014, p. 106), aconteceu “apenas com o cruzamento dos dados, por meio do estabelecimento de critério de semelhanças e diferenças entre os sítios arqueológicos identificados”, a área alvo para estas primeiras intervenções foi a Serra Negra.

É possível notar a grande quantidade de grafismos rupestres que por sua vez, formam um verdadeiro mosaico estilístico, com pinturas associadas à Tradição Planalto, Tradição Agreste e a Tradição Nordeste, descritas por possuírem quantidades semelhantes de zoomorfos e antropomorfos, com pouca frequência das figurações de objetos (FAGUNDES et al., 2014; OLIVEIRA, 2016; RIBEIRO, 2006).

No que diz respeito aos vestígios cerâmicos evidenciados nesta região podemos afirmar que estes são escassos, sendo identificados apenas em poucos sítios pela equipe da UFMG e pelo LAEP/UFVJM. Diante de uma considerável densidade de remanescentes arqueológicos móveis (materiais líticos por exemplo) e imóveis (figurações rupestres identificadas neles) é necessário tratar um pouco das iniciativas educacionais desenvolvidas pelo LAEP através de seu programa de Educação Patrimonial (FAGUNDES et al., 2016).

O programa de extensão “*Arqueologia, Meio Ambiente e Comunidades*”, foi desenvolvido entre os anos de 2010 a 2015 pela equipe do LAEP/UFVJM. Paralelamente ao programa foram iniciadas as escavações do quintal da casa de Chica da Silva⁴, buscando não somente evidenciar e pesquisar os remanescentes históricos, mas também socializar os conhecimentos produzidos através de ações junto à população local (FAGUNDES et al., 2013b).

As escavações realizadas na casa de Chica da Silva despertaram tanto o interesse quanto a desconfiança da população local. Deste modo as atividades de Educação Patrimonial foram elaboradas com intenção de

⁴ “O Projeto de Escavação do Quintal da Casa da Chica da Silva foi uma iniciativa do Instituto Nacional do Patrimônio Artístico e Histórico de Minas Gerais (IPHAN - MG), em parceria com o Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP/NUGEO/UFVJM). Esse projeto surgiu da necessidade de uma investigação arqueológica, uma vez que, o quintal irá passar por obras (construção de um jardim). Isso foi feito sob a coordenação do Prof. Marcelo Fagundes, juntamente com a equipe do LAEP, e colaboração de professores e alunos da UFVJM e de outras universidades” (FAGUNDES et al., 2016, p. 213).

sensibilizar a população de Diamantina e arredores, acerca do patrimônio que possuem, o qual não está pautado apenas nas riquezas minerais da região (FAGUNDES, 2013b).

Pela expectativa que a escavação gerou nos moradores de Diamantina, principalmente entre as crianças e adolescentes, a equipe do laboratório desenvolveu atividades diferenciadas de acordo com a idade dos participantes, incluindo alunos da faixa etária entre 11 e 17 anos. As visitas eram precedidas de palestras de no máximo 15 minutos, que abordavam o papel social da arqueologia e a escavação arqueológica (FAGUNDES et al., 2013b). Em seguida eram realizadas atividades como oficinas com explicações sobre os materiais arqueológicos tanto pré-coloniais quanto coloniais, bem como a realização de atividades lúdicas ligadas à arte rupestre regional.

As práticas buscaram demonstrar o fazer arqueológico e o Tempo através da exposição de diferentes materiais, tática desenvolvidas para atrair a atenção das crianças e tornar o aprendizado mais dinâmico e didático possível. Com isto buscou-se socializar o trabalho arqueológico realizado na região, tendo como meta principal colaborar para o melhor entendimento do patrimônio cultural e histórico entre estes jovens, para que pudessem reconhecer a importância deste patrimônio e sua conservação para o futuro, atuando como uma preservação da memória e valorização da cultura (FAGUNDES et al., 2013b).

O Arraial do Tejuco, um lugar onde o Tempo se Expressa na Paisagem

Telling a story is not like weaving a tapestry to cover up the world, it is rather a way of guiding the attention of listeners or readers into it (INGOLD, 1993, p. 153).

Quando observamos uma determinada Paisagem podemos reconhecer fragmentos de vidas passadas impressas em sua estruturação física. Esta organização, que abriga e reflete as interações humanas em suas multitemporalidades, pode ser vista atualmente tanto no entorno de Diamantina quanto nas próprias vias da cidade, conforme busquei demonstrar até este momento.

A multitemporalidade da Paisagem diamantinense torna-se perceptível na própria relação entre o patrimônio e a sociedade que o vivencia. A Paisagem possui caráter heterogêneo não divisível daquilo que se expressa internamente e externamente, muito menos é enraizada como imagens imaginativas da mente humana subjugada à sua imposição. Ela é dinâmica, além do estático, vivendo aquém do Tempo e no Tempo (INGOLD, 1993; FAGUNDES et al., 2018 e 2021).

A Paisagem é a materialização do Tempo não cristalizado e em constante movimento, é o mundo conhecido por aqueles que a habitam e com ela se relacionam, de maneira abstrata ou não. Na Paisagem vemos trajetórias, (re)significações e vivências em uma matriz que correlaciona sentidos, saberes e histórias. A Paisagem pode ser ocupada por distintos grupos, em períodos análogos ou não, ocorrendo de diferentes maneiras e criando assim um registro cultural diferenciado ou semelhante (FAGUNDES, 2009). Portanto, as dinâmicas da relação ou até mesmo de vivência da Paisagem se expressam através de diferentes modelos estratégicos condizentes aos diferentes grupos que a ocupam (INGOLD, 1993; FAGUNDES et al., 2018).

Essa ressignificação e apropriação da Paisagem e seus componentes constituintes, é um fenômeno tipicamente humano. E *“indagar se um fenômeno mental é consciente ou inconsciente e, também, se um fenômeno exterior ‘real’ é percebido através de meios conscientes ou inconscientes”* (VON-FRANZ, 1964, p. 304) deve ser um dos objetivos diretos do trabalho do arqueólogo.

Que além de conviver com o Tempo em suas mais distintas variedades, também tem contato com aquilo que Paul Ricoeur chamou de *“rastros que não são ‘testemunhos escritos’ e que dependem igualmente da observação”* (RICOEUR, 1913, p. 180).

Estas características, que certamente não são únicas de Diamantina, extrapolam o Tempo histórico contido na pesquisa arqueológica. Quando vemos as relações existentes entre o patrimônio cultural diamantinense e de sua região, fica mais clara a interpretação dada por Koselleck (2000) para o Tempo. Ainda mais palpável fica a compreensão da metáfora por ele apresentada para explicar a estruturação do Tempo através de um encadeamento, onde

camadas temporais sobrepõe-se umas às outras não sendo “vítimas” de uma linearidade que implica no início e no fim do todo.

Este sentido direto e linear dado ao Tempo é frágil e apresenta um significado voltado apenas a compreensão dada a ele por pensadores ocidentais, visão de mundo não compartilhada por diferentes culturas e certamente não vigente em outros períodos históricos. É necessário assim uma interpretação descolonizante (HAMILAKIS, 2018)⁵ do Tempo. É preciso olhar para o Tempo com aquilo que ele apresenta de melhor, uma fluidez característica. A interpretação do Tempo quando tomada de maneira distinta, ou ao menos quando se tenta desassociá-lo ao início, ao meio e ao fim, permite *“a materialidade se relacionar simultaneamente com momentos e temporalidades diferentes”* (HAMILAKIS, 2018, p. 519)⁶.

Interpretar a Paisagem linearmente é engessá-la, transformando-a em agente passivo de um determinado momento, é como classificar o Tempo como agente de direção única, condenado a um inevitável fim. No entanto, o Tempo se expressa de maneiras diferentes em momentos distintos. Em um lugar que ruas, casarões, pinturas e materiais líticos coabitam uma mesma paisagem, pensar em um tempo linear é suprimir diferentes possibilidades de observar uma paisagem.

Evidentemente a relação de quem pintou um abrigo sob rocha não é a mesma existente entre quem ergueu no mesmo local um altar para Nossa Senhora, porém é justamente o ato de escolher o mesmo abrigo que incita a multitemporalidade da Paisagem. Quando vemos estas manifestações humanas a partir de uma *Longa Duração* (BRAUDEL, 1965) e da Estratificação Temporal (Koselleck, 2000), podemos conceber o Tempo como algo cíclico.

É aqui que devemos refletir sobre a frase de Tim Ingold (1993, p. 153) no início deste subcapítulo, *“telling a story is not like weaving a tapestry to cover up the world, it is rather a way of guiding the attention of listeners or readers into*

⁵ “Another way to decolonise time is to liberate ourselves from temporal linearity an ethnocentric view of time imposed upon our discipline and on history as a whole. I have argued elsewhere that archaeologists should adopt an experiential, sensorial and affective mode of temporal imagination” (HAMILAKIS, 2018, p. 519).

⁶ Yannis Hamilakis (2018).

it”. Para contar e entender uma “estória” e, também, história, devemos nos atentar às características fluidas e dinâmicas do Tempo e da Paisagem.

Assim, ser arqueólogo e percorrer as Serras e ruas Diamantinenses, caminhar entre os meandros dos rios do centro-norte mineiro é andar por Paisagens que guardam em suas representações físicas um Tempo estratificado. É ver onde indivíduos trabalharam e fabricaram instrumentos pedra/minerais (líticos) e pinturas rupestres; é poder observar as atividades humanas domésticas e os costumes da época do Erário Mineral e é, acima de tudo, poder pensar o patrimônio cultural de diferentes povos e como este patrimônio é incorporado através dos diferentes fluxos temporais.

Considerações Finais: Do *Flâneur* ao Colecionador

As nuvens por cima da terra erguiam-se agora como serranias, e a costa era apenas uma longa linha verde com os montes azuis-cinzentos por detrás (Hemingway, 1956, p. 25).

No decorrer deste artigo argumentei o fato de Diamantina e seus distritos serem como um local que concilia o antigo e o moderno, de uma maneira que estabelece ligações diretas entre o patrimônio e aqueles que o vivenciam. Ora, não são nulos os exemplos onde podemos ver a relação pessoal construída pelos moradores de Diamantina com o bem arqueológico e o próprio interesse da comunidade em conhecer esse registro (FAGUNDES et al., 2014; FAGUNDES, 2013b; BAETA & PILÓ, 2013). No entanto quais outras atividades relembram o patrimônio histórico local? A título de exemplo temos três eventos que reúnem uma proposta de vivência desse patrimônio: a Vesperata, as Noites de Seresta e o Café no Beco.



Figura 5: Da Esquerda para Direita: A Vesperata e Diamantina em Seresta. Fonte: Prefeitura Municipal de Diamantina (MG). Link: <https://diamantina.mg.gov.br/eventos/vesperata-de-diamantina/>.

A Vesperata é um evento que ocorre durante as noites diamantinas e é previamente planejada de acordo com o calendário cultural municipal. No decorrer das apresentações, que são realizadas há mais de 23 anos na Rua da Quitanda (centro histórico da cidade), mesas são ocupadas geralmente por turistas que assistem a Banda do 3º Batalhão da Polícia Militar e a Banda Mirim Prefeito Antônio de Carvalho Cruz em um espetáculo que, de acordo com a Prefeitura Municipal “reitera a formação histórica musical do município e sua vocação para a música e para o turismo”⁷.

Os espetáculos não ocorrem apenas à noite, com a iluminação artificial e as músicas instrumentais, mas também no decorrer de todo final de semana, quando seresteiros se apresentam pelas ruas da cidade (na sexta à noite) e músicos tocam pela manhã durante a realização do *Café no Beco* (realizado domingo pela manhã no Beco da Tecla).

⁷ <https://diamantina.mg.gov.br/eventos/vesperata-de-diamantina/>, acesso em junho de 2021.



Figura 6: Serestas de Sextas a Noite no Decorrer da Temporada de Vesperatas em Diamantina. Fonte: <https://www.pousadadogarimpo.com.br/noticias-do-blog/serestas-em-diamantina/>.

Assim tomando um papel de alguém que anda em meio a multidão ao observar estes festejos realizados em meio a paisagem diamantinense, não é incomum nascer o interesse em saber os detalhes da história presentes sobre cada telhado, abaixo de cada calçamento, e por dentro de cada parede que forma o contorno do antigo Tejuco.

Se o *Flâneur* de Walter Benjamin (2009, p. 461) é um cronista da cidade, que alcança o aninho entre as fachadas das casas e reconhece como “seu”⁸ todo pedaço que constrói a rua (BENJAMIM, 1989, p. 35), o Colecionador é aquele cujo fascínio é encadear as coisas de maneira a possuí-las, de trazer para si suas histórias de vida. Mesmo que estas figuras tenham sido criadas a partir de diferentes contextos, o *Flâneur* pensado para a sociedade parisiense moderna e o Colecionador a partir de uma perspectiva materialista, poderíamos transporta-los para as terras altas de Minas Gerais, indo além, seríamos ainda, capaz de unir algumas de suas características em um único personagem.

Reiterando a afirmação acima e trazendo-a para nosso contexto. Cada um que caminhe pelas ruas de Diamantina nos dias atuais se encontra diretamente com uma dicotomia palpável, onde aquilo que é do moderno se

⁸Atribuo como o sentido de apropriação deste ‘cada pedaço da rua’ ao *Flâneur* dado à fala de Walter Benjamin (1989, p. 35): “A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apóia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente”.

dissolve no colonial e vice-versa. É improvável não ver a história impressa na cidade, mesmo para os mais desatentos ou pouco ligados à ela. Porém, para aqueles que vagueiam suas ruas, para os que tem vontade de ter para si um pouco mais de conhecimento sobre as histórias e estórias daquelas pessoas que viveram no arraial do Tejuco, muito antes de ser considerado Arraial ou parte da Capitania das Minas Gerais, encontraria dificuldades se optasse por seguir uma fonte dualista de conhecimento.

O que quero dizer com isso é que, se estivermos dispostos a nos afastarmos da dicotomia existente entre história e pré-história, noite e dia, lirismo teatral e cientificismo intelectual, teríamos acesso a várias fontes de informação que, por vezes, preencheriam nossa mente e separariam a luz branca do olhar em diversas cores. Poderíamos ver a paisagem que conta sua história, observar como a Estratificação do Tempo e a *Longa Duração* é tão presente em cidades como Diamantina. Teríamos, ainda, mais ferramentas para entender como alguns pontos são vistos como locais revisitados por pessoas em diferentes momentos da história.

Quando a universidade oferece atividades que socializam o conhecimento de maneira lúdica e acessível a todos, como é o caso das oficinas propostas pelo LAEP (FAGUNDES, 2013 e 2013b), as pessoas tem acesso ao saber produzido em suas instalações, a base fundamental para que o patrimônio que pudera antes estar distante ao entendimento chegue mais perto.

Quando buscamos na comunidade, e em suas expressões culturais, a relação próxima entre pessoas e a paisagem, podemos chegar mais próximos aos vínculos que estas pessoas possuem com o lugar. Neste caso a Vesperata, as Noites de Serestas e o Café no Beco, nos proporcionam a possibilidade de ver o patrimônio através de outros olhos, olhos artísticos e pessoais, que também desperta interesse no que é a paisagem para aqueles que a vivem.

Deste modo, seguindo o proposto de unir as características do *Flâneur* do colecionador, temos alguém que ao vagar pelas ruas diamantinas e pelos

vales que as cercam, mesmo que desapercibido, veria a paisagem de um mundo misto, sem divisórias. Um mundo onde pinturas realizadas em paredes de abrigos rochosos estão sob o mesmo céu de casas centenárias, onde um único sol ilumina os paredões quartzíticos e as ruas por onde tantas pessoas passaram. Talvez em cidades assim essa figura que vagueia e anseia saber, seja um pouco saciada.

Deste modo aqueles que percorrem essa paisagem, com detalhes muitas vezes imperceptíveis, assumem o papel misto do *Flâneur* do Colecionador, buscando do todo que a história local possa oferecer. Receber esse conhecimento é, de alguma forma, armazenar um pedaço da paisagem para si, a ressignificando e sendo ressignificado por ela, em fluxos constantes. O errante que percorre um local e tira para si próprio suas impressões é também alguém que está aberto ao saber, disposto a observar a paisagem de uma maneira distinta, de uma maneira onde as camadas do tempo e a Multitemporalidade estejam dispostas em um fluxo contínuo e ordenado (ao menos para ele) em uma Longa Duração do Tempo.

Referências

BAETA, Alenice & PILÓ, Henrique. *Arqueologia e Unidades de Conservação na Região de Diamantina – MG*. As sucessivas ocupações de suas paisagens e cavidades. In: **Revista Espinhaço**. 2 (2):200 – 212. 2013. Disponível em <<http://www.revistaespinhaco.com/index.php/journal/article/view/36/34>>

BAUMAN, Zigmunt. *Tempos Líquidos*. Editora Zahar. 2007.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II: rua de mão única*. Editora Brasiliense. 1987.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Editora Brasiliense. 1989.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Editora da UFMG. 2009.

BIFFI, Luciana Angelice. As Complexas Camadas do Tempo Histórico de Koselleck. In: *Revista Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. Vol., 14. 2017.

BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais: a longa duração*. In: **Revista de História**. Ano. XVI. Vol. XXX (62): 261 – 294. Abril/Junho de 1965. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123422>>

CORRÊA, Carolina Perpétuo. Comércio de Escravos em Minas Gerais no Século XIX: o que podem nos ensinar os Assentamentos de Batismos de Escravos Adultos. In: *Anais do XII seminário sobre Economia Mineira*. Disponível em <https://ideas.repec.org/h/cdp/diam06/003.html>.

FAGUNDES, Marcelo et al. *Paisagem Cultural da Área arqueológica de Serra Negra, Vale do Araçuaí, Minas Gerais: Os sítios do Complexo Arqueológico Campo das Flores, Municípios de Senador Modestino Gonçalves e Itamarandiba*. In: **Revista Trairiu**. Ano 3, Nº 5. Campina Grande – PB. Set/Out. de 2012.

FAGUNDES, Marcelo et al. **A Área Arqueológica de Serra Negra: Alto Araçuaí, Minas Gerais – Implantação, Repertório Cultural e Análise Tecnológica**. In: *Revista de Arqueologia*. 27 (2): 100-124. 2014. Disponível em <<https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/406>>

FAGUNDES, Marcelo et al., *As Louças Provenientes da Escavação do Quintal da Casa da Chica da Silva, Diamantina, Minas Gerais: um estudo de caso*. In: **Revista Tarairiu**. Campina Grande, Paraíba. Ano. VI, Vol. 1, n. 12. pp: 211 – 230. 2016

FAGUNDES, Marcelo et al., *Paisagens e suas Interfaces em Pesquisas sobre Arte Rupestre: um estudo de caso em Serra Negra, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais, Brasil*. In: *Revista de Arqueologia*. Vol. 34, n. 2. 2021.

FAGUNDES, Marcelo. *O Conceito de Paisagem em Arqueologia – os lugares persistentes*. In: **HOLOS Environment**. 9 (2): 301 - 315. 2009. Disponível em <<https://www.cea-unesp.org.br/holos/article/view/1310>>

FAGUNDES, Marcelo. *O Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha (PAAJ) e a Área Arqueológica de Serra Negra, Alto Araçuaí, Minas Gerais – Aspectos Gerais*. In: **Revista Espinhaço**, 2 (2). pp. 68 – 95. 2013. Disponível em <<http://www.revistaespinhaco.com/index.php/journal/article/view/33>>

FAGUNDES, Marcelo. *Arqueologia e educação – programa “Arqueologia e comunidades” para crianças e adolescentes no vale do Jequitinhonha, Brasil*. In: **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. V.11, n. 1. pp. 199 – 216. 2013b. Disponível em <<http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v11n1/v11n1a14.pdf>>

HAMILAKIS, Yannis. *Decolonial Archaeology as Social Justice*. In: **Antiquity**. 2018. DOI: <https://doi.org/10.15184/aqy.2018.17>. Disponível em <<https://www.cambridge.org/core/journals/antiquity/article/decolonial-archaeology-as-social-justice/F97869B66D55FD9782A0839A152A77C0>>

HEMINGWAY, Ernest. *O Velho e o Mar*. 1956.

INGOLD, Tim. *The Temporality of the Landscape*. In: **World Archaeology**. 25 (2) 152-174. 1993. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4624874/mod_resource/content/1/33.INGOLD.pdf>

ISNARDIS, Andrei. *Entre as Pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de diamantina, minas gerais*. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo. MAE/USP. 2009. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-24072009-111435/pt-br.php>>

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do Tempo: estudos sobre história*. Editora PUC Rio. 2000.

LINKE, Vanessa; ISNARDIS, Andrei. *Arqueologia Pré-histórica da região de Diamantina (Minas Gerais): perspectivas e síntese das pesquisas*. In: **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico – UFMG**. V. 21, N. 1. pp. 27 – 57. Belo Horizonte, BH. 2012. Disponível em <<https://www.ufmg.br/mhnbj/wp-content/themes/mhnbj/docs/revista-arquivos/vol21n1/Vol21n1.pdf>>

MASSAGLI, Sérgio R. *Homem da Multidão e o Flâneur no Conto “O Homem da Multidão” de Edgar Allan Poe*. In: *Terra Roxa e outras Terras: Revista de Estudos Literários*. 2008. Disponível em <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol12/TRvol12f.pdf>

OLIVEIRA, Erik Alves de. *Pintar, se (re)apropriar e se relacionar: os conjuntos estilísticos no alto curso do rio Pardo Pequeno, Diamantina (MG)*. (Dissertação)

Programa de Pós-Graduação em Antropologia com Área de Concentração em Arqueologia. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte. 2016. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-AQKQ48>

RIBEIRO, Loredana. *Os significados da similaridade e do contraste entre os estilos rupestres: um estudo regional das gravuras e pinturas do alto-médio rio São Francisco*. Tese de Doutorado. São Paulo – SP. MAE/USP. 2006. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-11082006-111750/pt-br.php>

RICOEUR, Paul. *Fase Documental – A Memória Arquivada: O Arquivo*. In: **A Memória, A História, O Esquecimento**. Editora Unicamp. 1913.

SOUZA, Giulliano Glória de. *Negros Feiticeiros das Gerais: Práticas mágicas e cultos africanos em Minas Gerais, 1748 – 1800*. (Dissertação) Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de São João del Rei. UFSJ, MG. 2012. Disponível em <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/dissertacaoGiullianoGloriaSousa.pdf>

VON FRANZ, M. L. **Conclusão:** a ciência e o inconsciente. 1964. p. 304 – 314. In: JUNG, Carl G. *O Homem e Seus Símbolos*. 6ª edição. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, RJ.1964.